

**BUNDINZANDO AS PALAVRAS PORTUGUESAS:
LENÇO E RILENZO, LENÇOS E MALÊNZO,
UM BREVE OLHAR SOBRE A ACOMODAÇÃO
DA PREFIXAÇÃO BANTO¹⁰ EM CANNECATTIM (1805)**

Selmo Azevedo Apontes (UFAC)
selmo@ufac.br

...uma longa, e triste experiência se certificou, que a ignorância da Língua Bunda, ou Angolense era hum obstáculo perpétuo não só aos progressos do Christianismo naquella vasta Região, mas tambem aos interesses políticos do Estado. (Cannecattim, Introdução)...

Toda língua tem uma sede. O povo que a fala, pertence a uma raça (ou a certo número de raças), isto é, a um grupo de homens que se destaca de outros grupos por caracteres físicos. Por outro lado, a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas. (Sapir, 1979:205)

1. *Introdução*

O frei capuchinho Bernardo Maria de Cannecattim, utilizando-se da experiência de 21 anos em que habitou com os abundos do reino de Angola, exercendo a função de missionário apostólico, ex-prefeito das Missões de Angola e Congo, realizou observações no texto do padre fr. Francisco Pacconio (*sic*), um *Cathecismo póstumo*, que foi impresso pela primeira vez em 1643 em Lisboa por Domingos Lopes Rosa. Em 1661, foi estampado com acrescentamento da terceira coluna em língua Latina; e em 1784 se imprimiu na Regia Officina de Lisboa por Ordem da Augustíssima Rainha Dona Maria Primeira, debaixo do mesmo título *Gentilis Angolae in Fidei Mysteriis eruditus*. Cannecattim faz uma avaliação da mesma, tendo em vista o conhecimento adquirido pelo tempo de trabalho, que merece *as ditas observações com justa razão o nome de primeira obra grammatical da língua bunda*.

¹⁰ Aportuguesamos a palavra "bantu" porque ela é paroxítona e não há palavra paroxítona terminada em "u" na língua portuguesa atual. Mantivemos a forma "bantu" apenas nas referências bibliográficas. [N.E.]

COLLECCÃO
DE
OBSERVAÇÕES GRAMMATICAES
SOBRE
A
LINGUA BUNDA,
OU
ANGOLENSE,
COMPOSTAS
POR

Fr. BERNARDO MARIA DE CANNECATTIM,

*Capuchinho Italiano da Provincia de Palermo, Missionario
Apostolico, Ex-Prefeito das Missões de Angola, e Congo,
e Superior actual do Hospicio dos Missionarios Ca-
puchinhos Italianos de Lisboa.*



LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO M. DCCC. V.

Por Ordem Superior,

Figura 1. Capa do Livro de Fr. Bernardo Maria de Canne cattim.

Entre seus comentários iniciais, o frei capuchinho observa que:

Com grave embaraço dos Europeos se encontram no Cathecismo, huma multidão de palavras excluidas de uso moderno, ou seja porque os Abundo lhes tem insensivelmente substituído outras também Abundas, ou porque tem adoptado palavras Portuguezas, bundizando-as, e esquecendo pouco a pouco os verdadeiros, e antigos termos da língua Bunda, que se lem no Cathecismo, de que a penas alguns velhos conservão a memória (CANNECATTIM, 1805, p. V)

Pois bem, a *insensibilidade* das substituições registrada por Cannecattim, que fez com que as palavras portuguesas fossem *bundizadas*, revela as funções sociais atribuídas ao domínio da língua *bunda* como “*obstáculo ao progresso*”. Vejamos outras afirmações de Cannecattim que revela muito bem o ‘espírito’ da época colonial que perdurou por muito tempo nas relações sociolinguísticas:

Sendo esta [língua] entendida, e facilitada em consequência conversação com os Negros, que utilíssimos descobrimentos se não farão de plantas, e raizes medicinaes, de madeiras preciosas, de importantíssimos mineraes, de huma variedade immensa, e desconhecida de animaes, e huma palavra de productos raros, e apreciaveis em todos os três Reinos na Natureza. (CANNECATTIM, 1805, p. i-ii)

A aprendizagem da língua do outro, e esse outro bem identificado e subjugado, tinha uma intenção clara sob o aspecto da ‘coroação’ da exploração: a aprendizagem da língua era a metodologia de formalização das relações de conquista. Assim, deixa bem claro a esta relação quando explicita as práticas que lembram muito bem a tônica do Diretório dos Índios, em 1757:

Como a agricultura em Angola he toda feita pelos Negros, nunca pôde dirigillos, nem disciplinallos bem nas úteis práticas da lavoura aquelle que ignora a língua; porque este exercício pede freqüente comunicação entre quem manda, e quem obedece (ii).

A comunicação entre “quem manda, e quem obedece” vai deixar marcas dessa “interação linguística” nas duas línguas. Nesse caso específico, na reflexão de alguns aspectos sobre acomodações de palavras portuguesas no sistema bant, a partir de empréstimo.

Na *Collecção de Observações Grammaticaes*, principalmente na última parte que trata da feitura do ‘dicionário’, que foi feito em colunas (*portuguez, latim, conguez, bundo*), Cannecattim diz que:

... a mesma columna Bunda tem de bom o comprehender muitos termos expressivos, alli conservados como em deposito ha tantos annos, e que dispensavão os Abundos de mendigarem das línguas Estrangeiras os termos que conservão na própria, e que por desmazelo tem deixado em esquecimento... (CANNECATTIM, 1805, p. vii)

Esse “esquecimento” involuntário, ou a “mendigaçãõ” de termos que possuem na própria língua, deu-se também pelo fato de não “mendigarem”, mas “incorporarem” termos próprios para apropriarem-se, ou adequarem-se palavras portuguesas para que ‘aparentem’ mais *bunda*; ou melhor, estavam ‘*bundinzando as palavras portuguesas*’. Por outro lado, as palavras do ex-prefeito das missões de Angola e Congo representam o

‘caldo cultural’ que se praticava nas colônias, entre quem manda e quem obedece e as consequências dessa relação. Poderíamos ir discutindo este tópico; vamos, porém, nos enveredando pelo aspecto de algumas consequências desse processo colonial, expresso linguisticamente, por meio de integração de empréstimos. Esse processo de ‘acomodação’ de conceitos bantos nas palavras portuguesas, revela um interessante processo de afixação, ou de incorporação morfológica que ‘desestabiliza’ e exige um rearranjo, um realocamento que envolve diversos fatores no momento da integração de empréstimos.

Apenas para ficar mais claro, vejamos o que Canneccattim (p. vi) quis dizer com *bundizar* palavras portuguesas:

Sexto: com grave embaraço dos Europeos se encontram no Cathecismo, huma! multidão de palavras excluidas do uso moderno, ou seja porque os Abundos lhes tem insensivelmente substituido outras tambem Abundas, ou porque tem adoptado palavras Portuguezas, bundizando-as, e esquecendo pouco a pouco os verdadeiros, e antigos termos da lingua Bunda, que se lem no Cathecismo, de que a penas alguns velhos conservão a memoria.

Essas palavras ‘adotadas’ passaram por ‘acomodação’ de conceitos bantos, porém respeitando a etimologia das palavras abundas que apresenta padrões em referência à expressão formal, obedecendo a uma estruturação própria de composição de número.

2. *Bundizando as palavras portuguesas*

Na *Collecção de Observações Grammaticaes sobre a Lingua Bunda, ou Angolense*, Canneccattim nos dá o fio da ‘conversa’:

A etymologia das palavras abundas, onde se mostrará também a razão porque no singular se pronuncia, e escreve esta palavra com huma letra de menos, dizendo-se *Búndo*, e *Búnda*, e no plural com huma letra de mais, e porque esta letra se há de pôr no principio, e não no fim da palavra, formando *A-búndo*, e *A-búnda*. (CANNECATIM, 1805, p. VIII)

Com essa explicação, já nos dá as pistas sobre os padrões dos conceitos em referência à expressão formal preferencial da língua (ou poderíamos estender ao grupo banto?) dos *abundo*. Pois os padrões formais dessa língua obedecem a uma estrutura de composição afixada preferencialmente por prefixação. Assim sendo, das páginas 7-17, no interior da *Collecção*, o missionário apostólico nos dá algumas palavras sem, e outras com o seu respectivo plural:

Singular		plural	
<i>H'úta iá Petéro</i> ¹¹	espingarda de Pedro (p. 7)		
<i>Mussúmbu</i>	O beijo ¹²		
<i>Mussúmcu</i>	O bico		
<i>Muzenza</i>	Estrangeiro		
<i>marimbúndu</i>	Insecto que morde		
<i>Mulonga</i>	Palavra	<i>milonga</i>	Palavras
<i>Quiba</i> ¹³	Pele	<i>Co iba</i>	As peles
<i>O quiahíma</i>	Poço	<i>Co ichíma</i>	Os poços
<i>O quichíma</i>	A fonte de água	<i>Co ichíma</i>	As fontes das águas
<i>O quissássa</i>	Mato, a árvore	<i>Co issássa</i>	Os matos
<i>Ribomdo</i>	Vespa	<i>Co marimbomdo</i>	As vespas
<i>O rilenzo</i>	O lenço	<i>Co malénzu</i>	Os lenços
<i>O caffúnda</i>	Pólvora	<i>Co maffúnda</i>	As pólvoras

Em princípio, aparecem alguns morfemas prefixados que estendem o significado ou acrescentam a designação de número, tanto no singular quanto no plural. Porém, podemos perceber que os morfemas prefixados não obedecem a uma única ‘aparência’ da forma; vejamos:

Singular	
Mu- (palavra, estrangeiro, bico)	Mi- (palavras)
Qui- (pele, poço, fonte, árvore)	i- (peles, poços, fontes, matos)
Ri- (lenço, inseto que morde)	Ma- (os lenços, insectos que mordem)
Ca- (pólvora)	Ma- (as pólvoras)

Há várias formas tanto para designar o singular quanto ao plural. Essas formas dos morfemas expressivos de singular e plural divididos em classes¹⁴. Isso porque o sistema de classe em banto é composto de prefixos nominais que se ‘fundem’ às palavras formando novos significados¹⁵. Os morfemas (ou prefixos) nominais em banto são agrupados em classes

¹¹ Esse empréstimo da palavra “Pedro” ficara para outra observação que é o constante destravamento das estruturas silábicas CCV, passando para CV.CV (que já era atestada desde Gil Vicente, no Auto do Clérigo da Beira. (Cf. GALINDO, 2000, p. 109-121)

¹² Muita proximidade mórfica e semântica com *cachimbo*...

¹³ Proximidade com *quimba (kimba)*...

¹⁴ Apesar de não ser especialista em línguas bantas, Sapir (*op. cit.* p. 118) nos diz que: “nas línguas *bantu*, o princípio de concordância opera quase como em chinuk. Também nelas, os nomes se classificam em certo número de categorias e são postos em relação com adjetivos, demonstrativos, pronomes relativos e verbos por meio de *elementos prefixados que lembram a classe e constituem um sistema complexo de concordância*.” (Cf. APONTES, 2010).

¹⁵ Ver a observação de Tavares nesse artigo.

de 1 a 23 (sendo que uma minoria de línguas possuem as classes de 19 a 23), com funções determinadas.

Sabemos que as línguas possuem padrões dos conceitos em referência à expressão formal. Por exemplo, desinência marcadora de número (singular e plural) é expresso de diferentes modos, dependendo da tipologia linguística. Em relação ao que Cannecattim diz, quais são os padrões formais da língua portuguesa para que ele possa dizer as mesmas estavam sendo ‘bundizandas’?

Segundo Sapir (1979, p. 67-69), cada língua dispõe de um ou mais “métodos formais para indicar a relação de um conceito secundário ao conceito básico do radical”. E essa relação pode ser feito de diversas formas. Dentre as 6 formas dos vários processos gramaticais de Sapir, citamos a que nos interessa para o presente artigo:

– *composição; afixação*, que abrange o uso de prefixos, sufixos e infixos; *modificação interna do elemento radical* ou gramatical em referência quer a uma vogal, quer a uma consoante; *reduplicação*; e *diferenças de acentuação*, sejam elas dinâmicas (intensidade), sejam tônica (altura, também chamada “tom” e entoação).

Se por um lado Sapir informa sobre os vários processos de ‘agrupamento’, por outro ela ressalta que importa não esquecer que um fenômeno linguístico não pode ser tido como ilustração de um “processo” definido, senão quando lhe é inerente um determinado valor funcional. Não estamos tratando aqui de ‘um processo definido’, mas de um fenômeno que revela a confluência de sistemas, e que não perde em nenhum momento o ponto de vista funcional.

Sapir (1979, p. 71-73) nos lembra que em algumas línguas, como o latim, “*a ordem das palavras* presta-se a ser antes um princípio retórico do que estritamente gramatical (...) ou para causar um *efeito retórico ou estilístico*... Por outro lado, temos que verificar uma ordem de colocação vocabular, ou mesmo do processo de afixação de conceitos secundários, ou melhor, especificadores que se afixam ao radical. Isso porque em muitas línguas, a composição circunscreve-se ao que podemos chamar a função delimitadora, segundo Sapir, ou especificadora”.

No que tange aos três *tipos de composição por afixação* – o uso de prefixos, de sufixos e de infixos – o segundo é o mais encontrado. Essa afirmação de Sapir (1979, p. 74) depende muito bem do tipo de língua com a qual se está dialogando, e não uma ‘obrigação de posicionamento linguístico’. Por outro lado, Sapir diz que naquela forma de afixação por

sufixo pode sofrer mudanças (e cita a língua khmer – cambojano que ainda há traços de antigos sufixos que deixaram de funcionar como tais, e hoje são sentidos como partes integrantes do radical)¹⁶.

As línguas estão em constante processo de transformação, mas é razoável admitir que tendem a conservar por mais tempo o que é mais fundamental na sua estrutura. Ora, se considerarmos grandes grupos de línguas geneticamente [tipologicamente] aparentadas, verificaremos que, passando de uma a outra ou acompanhando o desenvolvimento de cada uma, encontramos frequentemente uma mudança gradual do tipo morfológico. Não é um fato surpreendente, pois não há razão para uma língua ficar permanentemente fiel à sua forma originária. É interessante, contudo, notar que uma língua transitiva na outra, contudo o tipo conceitual tende a persistir por muito mais tempo (SAPIR, *op. cit.*, p. 145).

Em se tratando de ‘bundização’ do português, uma palavra especificamente nos chamou a atenção. Esse fato mostra muito bem o que Sapir quis dizer logo acima:

<i>O rilenzo</i>	O lenço	<i>Co malénzu</i>	Os lenços ¹⁷
------------------	---------	-------------------	-------------------------

¹⁶ Esse processo de ‘afuncionalidade’ ou ‘desfuncionalidade’ (dessemantização?) de marcas sufixais (por que não dizer marcadores conceituais afixados?) é um campo aberto a se verificar as acomodações de palavras bantas ao português brasileiro, pois a maioria dos afixos perderam significado e função, e também são sentidos como ‘parte do radical’ (74). Depois (p. 84), Sapir comenta sobre a dificuldade em *isolar o acento como processo funcional* está em que ele se acha muitas vezes tão combinado com alternâncias de quantidade ou qualidade vocálica, ou tão complicado pela presença de afixos que o seu valor gramatical aparece sob aspecto mais secundário do que primordial. Já comentamos esse fato em Apontes (2010), Que está por ser trabalhado, a partir da perspectiva da tonologia das línguas bantas e possíveis ‘vestígios’ no português brasileiro.

¹⁷ *Ri* e *ma* aparecem também na parte *Diccionario Abreviado da Lingua Congueza*, no final da Coleção de Cannecatim, com as palavras *ribáia: táboa; mabáia: taboas; língua: ludimi (congo), ririmi (bunda); limão: marimão (congo), rimão, marimão (bunda)*. Nas observações das palavras congolezas para bunda, percebe-se uma equivalência de (L) para (R), respectivamente, e (D) e (R): *diá – riá, também Ji para Zi*. Por outro lado, há algumas realizações de um som que fica “confuso” (no dizer dele, mas que na verdade é um som retroflexado), entre o D e o R (Cf. CANNECATTIM, 1805, p. 152, 155). Porém como se trata de empréstimo mais voltado para o lado das realizações fonético-fonológicas, vamos deixar para outra oportunidade. Vale salientar que Dias (1697/2006) atestava a presença de 12 particulas com as quais se fazia a ‘concordância’ do adjetivo com o substantivo, o *Ri* estava presente (*vairava, as vezes, em riá*), porém o *MA*, não (somente, *ma, a, i, gi, tu*. Na página 3, Dias tece o seguinte comentário: *a todo nome, que não significa racional, arvore, e instrumento de baile, se pode ajuntar por elegência esta particula, Ri, com tanto que os taes nomes comecem por estas letras consoantes B, C, F, N, L, S, T, Z.* (Em nosso exemplo-problema inicia-se com L, apesar de não ser língua de Angola, dos Abundo). Por outro lado, Continua Dias, na página, 10, “deve-se notar que as ditas particulas costumão muitas vezes usar dellas os Ambundos, pondo huas por ou-

Tendo em vista que a etimologia das palavras abundas pede para pôr no princípio, e não no fim da palavra, os diversos ‘morfemas’, esses diversos espécimes de elementos e modificações gramaticais oferecem uma peculiaridade comum: não poderem na maioria dos casos ser usados isoladamente, mas ao contrário “precisam de qualquer maneira adaptar-se ou soldar-se ao radical para transmitir uma noção inteligível” (SAPIR, 1979, p. 37-39). Então, tanto o radical propriamente dito como o elemento gramatical são apreendidos, exclusivamente, por um processo de abstração. Isso porque, sendo morfema de classe, cada radical é ‘averiguado’ antes de ter sua anexação a uma palavra e sua categorização. O *mergulho na nova forma* não se dá com valores em separado. Entre o radical que será especificado através da classe e o morfema a ser inserido prefixadamente há uma ideia relacional e não apenas uma colocação de morfema zero [ø] ou morfema de plural [-s].

Se palavra é, para Sapir, o menor trecho de significação plenamente satisfatório em que a sentença se resolve, não pode ser seccionado sem perturbação de sentido; ficando sempre em nossas mãos, como fragmentos inúteis, uma ou outra, ou ambas, das partes cindidas. O que nos dá a entender que em *rilenzo* e *malénzu* a marcação inicial é importante na ‘bundização’ da palavra portuguesa ‘lenço’. Sem a prefixação marca-dora de classe, seria apenas ‘fragmentos inúteis’, ‘non sense’. *Ri* e *Ma* passam a ser elementos qualificativos (palavras ou partes funcionais de palavras...) mediante os quais se estabelecem a conceituação ou a relação cognitiva dessa palavra estranha, passando a ser entranhada na língua em questão, pelos falantes que perspicazmente ‘acrescentam detalhes’ significantes de apropriação de termos outros¹⁸.

Assim podemos ver que “podem ser conscientemente criadas novas palavras à custa dos elementos básicos e sob o modelo de palavras antigas”, mas dificilmente se criariam novos tipos de frases¹⁹. Não há, de maneira nenhuma, incoerência de correspondência, pois obedeceu ao

tras, por causa das variedades das línguas Angolanas. Mas sempre fazem o mesmo sentido; porque não variam totalmente a substância dos nomes, e verbos, ainda que o idioma fique muy certo”.

¹⁸ Ainda nos lembra Sapir (1979, p. 45) que caracteres como o acento, a cadência, e o tratamento das consoantes e vogais no corpo de um vocábulo são-nos não raro, útil auxílio para a demarcação externa das palavras... fortalecem um sentimento de unidade. (E esse fato ainda está por ser analisado, como já dissemos).

¹⁹ Em referência a essa assertiva de Sapir (p. 47), vamos deixar para uma próxima oportunidade o comentário.

campo dos conceitos abstratos e relacionais, pois o conceito se encarna num elemento gramatical que não feriu a marcação de singular nem de plural.

É óbvio que há para cada língua um “limite que não lhe é dado transpor (...)” associações menos frequentes ocorrentes são banidas em proveito de outras mais vitais. Em outros termos, todas as línguas têm uma tendência à economia de expressão. Se essa tendência fosse de todo inoperante, não haveria gramática, o fato gramatical, aspecto universal da linguagem, é apenas a manifestação do sentimento geral de que conceitos e relações análogas se exprimem, mais convenientemente, por meio de formas análogas (SAPIR, 1979, p. 47)

3. *Estruturação da bundização das palavras portuguesas*

Tendo em vista que a linguagem se move inteiramente no âmbito ideacional e cognitivo²⁰, os mecanismos linguísticos, que não feriu nos âmbitos citados (marcação de pluralização), sugere uma evocação de interação de padrões morfológicos que podemos sintetizar da seguinte forma:

ESTRUTURA BANTA			ESTRUTURA PORTUGUESA	
Estruturação mórfica			Estruturação mórfica	
Prefixação			Sufixação	
Conceito		Nome radical	Conceito	
Singularização	Pluralização		singularização	Pluralização
Ri-		Lenço	ø	
	Ma-	Lenço	-	-s
Morfema de classe Nº 5		Categoria – classificação	Morfe genérico ²¹	

As duas formas “se combinam”, se coadunam, se confluem na conceituação. Porém, percebemos que a posição fixa na sentença é determinada pela relação sintática do vocábulo. A forma portuguesa – tributária das flexões desinençiais latinas, conjugando categorias de gênero, número pós-fixado ao radical. A elaboração formal superficial difere nas duas formas, porém mostram-se fundamentais para a índole da língua. Assim, temos visivelmente na elaboração formal duas características

²⁰ No dizer de Sapir (1979, p. 48).

²¹ V. g. não especificador de classe.

marcantes, representando as peculiaridades morfológicas das línguas em questão, porém, mantendo as formalizações conceituais.²²

Percebemos que as formas são prenes de sentidos. Talvez se pensarmos que os elementos especificadores que fazem sentido, que são funcionais na estrutura banta sejam principalmente de estrutura prefixada, poderíamos lançar mão de uma tentativa de ‘imposição’ do uso lógico do sistema linguístico que se guarda em sua estrutura profunda - não flexionando em número as palavras do português e do português brasileiro. A interpretação benéfica que se faz (pelo menos se supõe, no caso do português brasileiro), é que não refere-se simplesmente o fato de ter ou não ter um morfema da língua pós-fixado, orientado pela norma novilatina de gênero, número... Os elementos (morfemas) especificadores enquadram-se na interpretação da pre-fixação *bundizada*. Então para quê ‘pluralizar’ palavras do português que obedece a uma estrutura pós-fixada (se o que estava sendo pluralizado, o *input*, seria interpretado como ‘disfuncional’ ou vazio – casa vazia – de significado)? Daí que as interpretações puríssimas da língua de Camões viam somente perjúrio da casta língua, língua de negros, pretoguês... quando, na verdade, era o processo sistemático de ‘bundização’ das palavras portuguesas e do português brasileiro por extensão, e não um péssimo aprendizado, ou incapacidade cognitiva²³.

De envolta com esse preconceito científico (preconceito evolucionista)²⁴ e antecipando-o em grande parte, havia outro, mais humanamente compreensível. “A vasta maioria dos teóricos linguísticos falava por sua vez línguas de certo tipo, cujas variedades mais plenamente desenvolvi-

²² A expressão formal prefixada, com valores próprios, passou a ser absorvida no radical, perpetrando-se e petrificando-se no português brasileiro como uma ‘unidade vocabular’ sintetizada, perdendo toda significação de morfemas classificatórios, como dissemos no artigo: Acomodações de palavras banta em português: algumas consequências morfofonológicas, na *Revista Philologus* nº, 45.

²³ “Ora, é evidentemente para a fala irrefreada do povo que temos de nos voltar, se quisermos uma informação antecipada sobre o movimento linguístico geral” (SAPIR, 1979, p. 156).

²⁴ Daí se segue que todas as tentativas para estabelecer conexão entre tipos dados de morfologia e certas fases correlatas de desenvolvimento cultural são vãs. Bem compreendidas, são mero rebutalho de ciência (SAPIR, p. 215). Sapir estava falando sobre os processos de classificação tipológica ‘reconhecidas como línguas ‘mais evoluídas’ por terem sistemas flexionais, e as ‘menos evoluídas’ as aglutinantes e as isolantes, que não eram nem herdeiras do sistema greco-romano e nem eurocêntricas. Essa discussão, apesar de interessante, ficará para outra oportunidade. Para os que se interessam, *Falares Crioulos: línguas em contato*, de Tarallo e Alkmin, é uma boa introdução que discute temas maiores como a formação de pidgin, dos falares crioulos e as teorias que essa problemática suscita.

das eram o latim e o grego, que eles tinham apreendido na meninice”. Não lhes foi difícil persuadirem-se que tais línguas, que lhes eram familiares, representavam o desenvolvimento “mais alto”, ao qual a linguagem pode chegar, e que todos os outros tipos eram simples degraus na marcha para esse “mimado” tipo flexional. Tudo o que se conformava com os moldes do sânscrito, do latim, do grego e do alemão era aceito como índice de qualquer coisa “superior”; tudo que deles divergia, era “olhado de má vontade como qualquer coisa de falho, ou, quando muito, como uma aberração curiosa” (SAPIR, 1979, p. 136).

Concordo com Sapir (1979, p. 215) quando diz que ‘o conteúdo da linguagem está intimamente relacionado com a cultura. No sentido de que o vocabulário de uma língua mais ou menos fielmente reflete a cultura que ela tem por propósito servir, é perfeitamente justo dizer que a “história da língua e a história da cultura seguem linhas paralelas.” Porém, não concordo, quando diz que

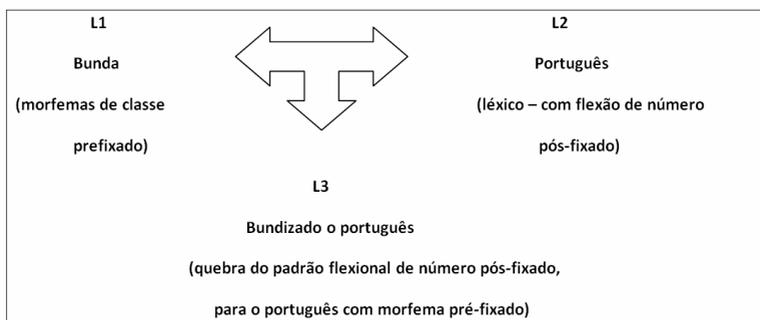
Essa espécie de paralelismo, superficial e externa, não é de interesse real para o linguista, salvo na sua medida em que a criação ou importação de novas palavras projeta luz sobre as diretrizes formais de uma língua dada. O linguista não deve jamais cometer o erro de identificar uma língua com o dicionário que dela se extrai (SAPIR, 1979, p. 216),

pois a importância do confluência entre “pensamento, linguagem e cultura”, ou “território, população e linguagem” já mostrou-se benéfico ao estudo linguístico, acrescentando detalhes e novas opções para o entendimento do processo da “marcha da cultura” que se revela também por meio do jogo linguístico (COUTO, 2007).

Assim, Couto (2007, p. 293) nos lembra que “o fato de determinada variedade linguística reter pelo menos parte de outra língua não é casual nem aleatório; como alguns crioulistas dão a entender”. Na melhor da hipótese, eles ignoram o assunto, com a honrosa exceção de Claire Lefebvre, que vem defendendo a o que chama de Hipótese de Relexificação. Nas palavras da própria autora,

A relexificação é um processo mental que cria entradas lexicais copiando as entradas lexicais de um léxico pré-existente, substituindo suas representações fonológicas por representações derivadas de outras línguas. ... Dessa maneira, é forjado um vocabulário comum... como o contato com a língua dominante é precário, as matrizes fonéticas dos itens lexicais do superstrato são captadas fragmentariamente, não na íntegra. Preenchido pelos padrões semânticos, sintáticos e fonéticos das línguas de substrato.

Assim, em um breve resumo esquemático, temos um processo de acomodação linguística rumo a convergência para uma interlíngua:



Neste caso, a relexificação mostra que a acomodação não só de palavras de uma língua, mas de toda uma inter-relação de redes de significação foi válida e proveitosa no ato comunicativo. Não é apenas ‘simplificação’ de regras e sistemas de uma língua. É um complexo processo de apropriação, de entrada não só lexicais, mas cognitivas, semânticas, mórficas. Cria-se, então, um terceiro movimento linguístico.

4. Palavras de encerramento

Rilenzo e *Malénzu* não representa meramente um processo meramente ‘maquinal’, mas uma espécie de ‘compensação’ pelos recursos que se obliteravam no interior da língua. Há, sim, um rompimento e reforma do padrão, uma remodelação mórfica. Se formos olhar o que Sapir disse sobre palavra que é:

O menor trecho de significação plenamente satisfatório em que a sentença se resolve. Não pode ser seccionado sem perturbação de sentido, ficando sempre em nossas mãos, como fragmentos inúteis, uma ou outra, ou ambas, das partes cindidas (1979, p. 44).

É a união de novos morfemas nas ‘palavras portuguesas bundizadas’ acaba fortalecendo um sentimento de unidade e de ‘pertencimento linguístico’, rever a forma ‘estranha’ e absorver para bundizar, tornar-se próxima e mais visível e mais audível ao sentimento da língua... “o sentimento que vence o vencedor”... ainda que por pelas beiradas, sungando as palavras, balançando a sambikira, num faceiro só.

Essa ‘bundização’ de palavras portuguesas, revelada pelo empréstimo, nos guia na pesquisa do muito que se tem a fazer para revelar a contribuição da influência bantoística na formação do português brasileiro.

ro, e sua modalidade que chegou ao Brasil para contribuir com o vernáculo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGENOT, Jean-Pierre; BELTRAN, Luís; TEIXEIRA, Marco Antônio. *Os iberoamericanismos de origem bantu e as línguas bantu. Atlas do Workshop Internacional sobre procedência poliétnica dos afroiberoamericanos de origem bantu: evidências etimológicas e históricas*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2009.

APONTES, Selmo Azevedo. *Relatório do curso “Tonologia comparativa das línguas bantu”*, ministrado pelo Prof. Dr. Jacky Maniacky (MRAC), de 13 de julho a 1 de agosto de 2009, no Campus da UNIR em Guajará-Mirim. (Digitado)

_____. Acomodação de palavras bantu em português: algumas consequências morfológicas. *Revista Philologus*, Ano 16, nº 46. Rio de Janeiro: CiFEFIL, jan./abr. 2010. Supl.

BONVINI, Emílio. Repères pour une histoire des connaissances linguistiques des langues africaines. Du XVIe siècle au XVIIIe siècle: dans le sillage des explorations. *Histoire Épistémologie Language*. Tome 18, fascicule 2, 1996, p. 127-148.

CANNECATTIM, Frei Bernardo Maria de. *Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda, ou angolense*. Lisboa: Impressão Regia, 1805.

COLE, Desmond T. The history of African Linguistics to 1945. In: *Current Trends in Linguistic*. Edited by Thomas A. Sebeok. Linguistics in Sub-Saharan African. Mouton: The Hague; Paris, 1971, p. 1-17.

COUTO, Hildo Honório. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

DIAS, Pedro. *Arte da língua de Angola, oferecida a Virgem Senhora N. do Rosário, Mãe, & Senhora dos mesmos pretos, pelo P. Pedro Dias, da Companhia de Jesu*. Lisboa, na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1697. (Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2006).

GALINDO, Caetano Waldrigues. Furunando Kabuverdi. In: *Fragmenta*, Curitiba: UFPR, n. 17, p. 109-121, 2000.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

JOHNSTON, Harry H. *A Comparative Grammar of the South-African Bantu Language*. London, 1919.

KEMPF, Marques da Silva. *Os critérios e a metodologia da sociolinguística no levantamento e na análise da contribuição das línguas africanas às variedades do português vernáculo brasileiro*. (A ser publicado no GEPIAA).

_____. *Os brasileirismos de “origem desconhecida” e as lexias e expressões de origem africana num levantamento do léxico de “nordentinos pioneiros em Guajará-Mirim”*. (A ser publicado na ABECS)

MUTOMBO, Daniel. *Propuesta de una lingüística africana globalizante y libertadora*. 1. ed. Los Polvorines: Univ. Nacional de General Sarmiento, 2007.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1979.

TARALLO, F.; ALKMIN, T. *Falares crioulos*. Línguas em contato. São Paulo: Ática, 1987.

TORRENT, I. *A comparative grammar of the South-African Bantu Language*. London, 1893.